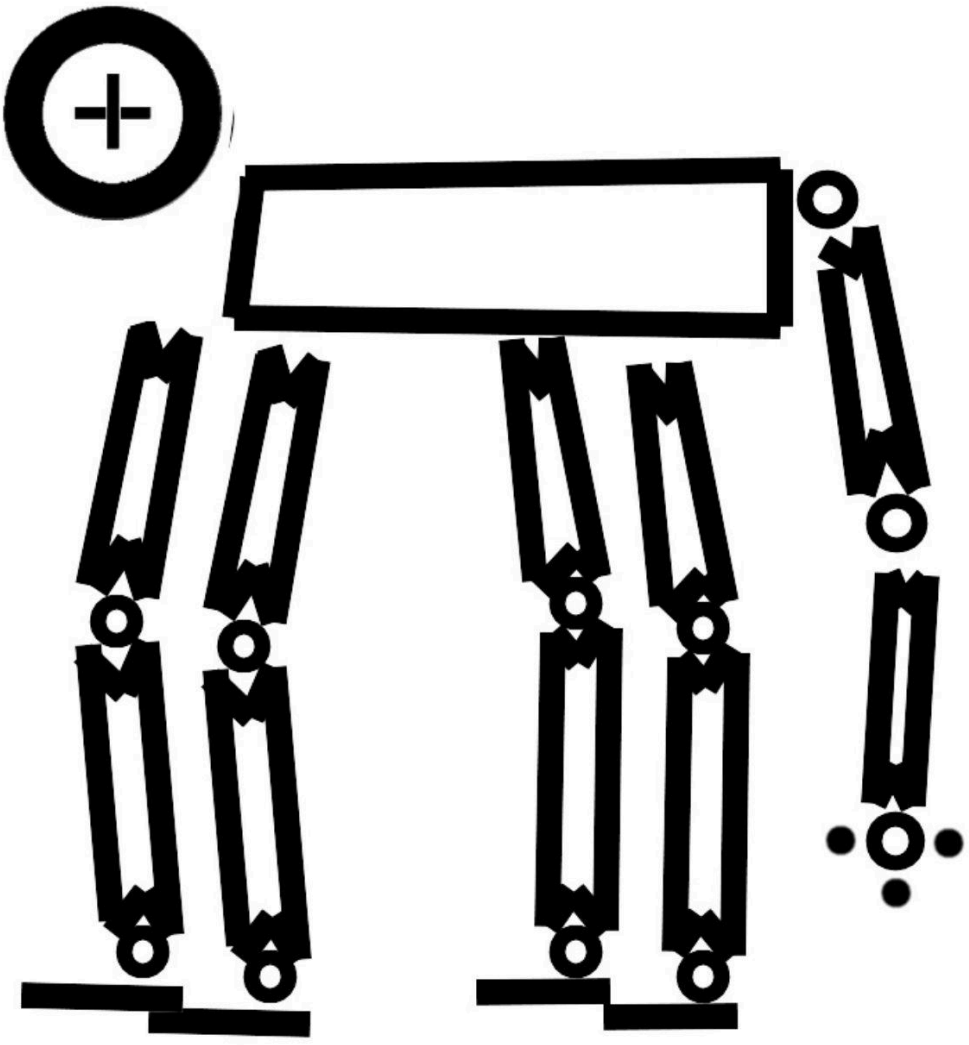
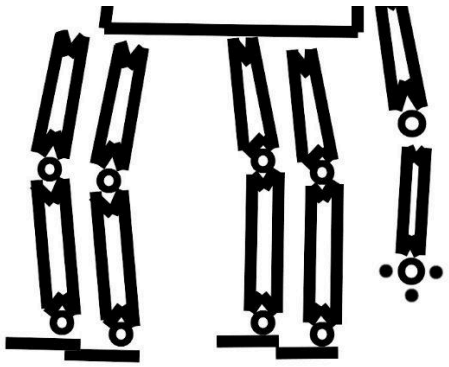
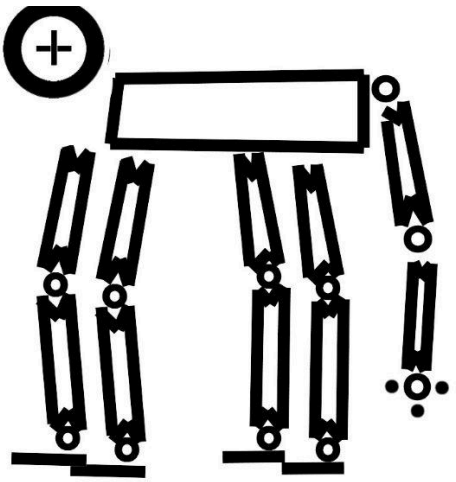
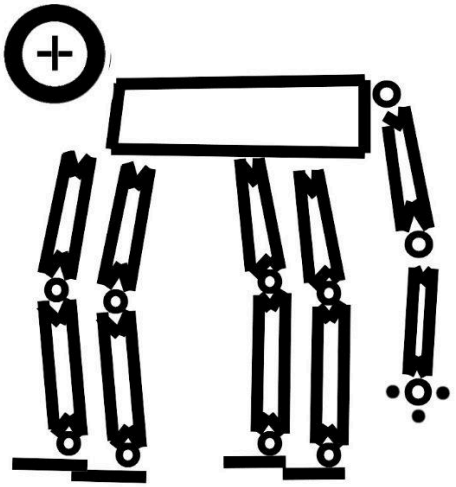
O ZOOLÓGICO REAL

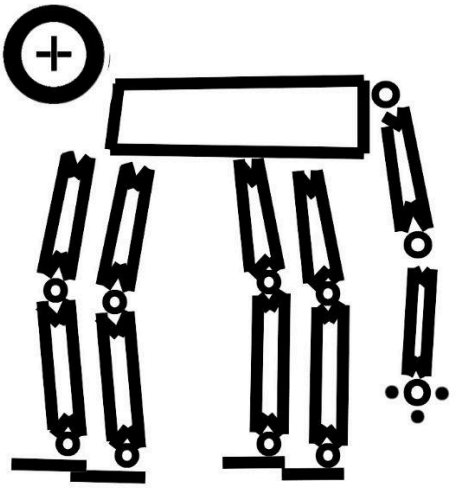


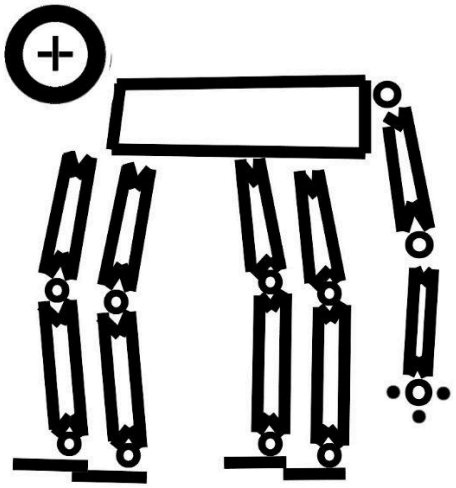
HARAV HVARA



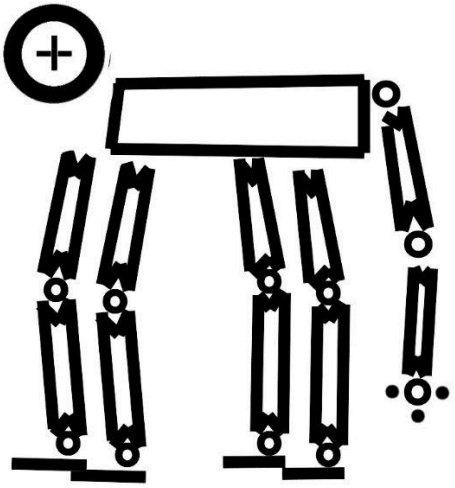








REAL?



***

Perdemos nossa humanidade há muito tempo, bom desde que existia o tempo no caso.

Dominamos tudo, podíamos fazer o que quiser… mas já não sentíamos mais nada.

Precisamos terceirizar o que é sentir.

Por isso não extinguimos todos os animais. E talvez… só por isso mesmo.

Fizemos deles um zoológico, inicialmente para estudos.

Por indução fizemos os animais a se comportarem como nós, a parecerem como nós, a criarem uma sociedade como a nossa para ver onde as nossas coisas começaram a “dar errado”.

Mas nos perdemos no meio do caminho.

Assistir os animais era muito mais emocionante, ou melhor, ver os animais se emocionar era o mais próximo que chegamos de uma emoção sequer.

Nos tornamos dependentes do Zoológico, que antes era artificial, mas agora… é o que temos como lembrança do que um dia foi real.

Expandimos os Zoológico, fizemos de nossa existência a preservação deles, não por empatia, mas por não sabermos mais outro modo de tentar viver.

Nem que fosse através do outro.

Os animais não sabiam disso, nem sabiam que estavam no Zoológico. Para os animais, tudo que viviam era real. Eles acreditarem nisso era fundamental para tudo isso ser possível.

***

O Zoológico começou como um experimento e gradativamente foi se tornando algo como se fosse nossa realeza, tão cultuada quanto temida. Não diretamente, apenas simbolicamente.

É o máximo que uma sociedade incapaz de sentir pode fazer em prol da única coisa que os mantém persistentes: a nostalgia de um dia ter vivido.

Agora até o sentido de suas vidas está ligado ao que um dia não teve sentido algum.

A linha é tênue o quanto o Zoológico é depende de nós e quanto nós dependemos do Zoológico.

Dividimos funções para cuidar do Zoológico, cada um cumpria a sua e todos tinham um único consenso de não intervir na realidade do Zoológico. O teor emergente era o que mantinha a essência de algo que não devia ser corrompido como nos corrompemos.

Mas não demorou muito para alguns quererem migrar para dentro do Zoológico, apagar suas memórias e viver como se tudo aquilo fosse mesmo real.

A sede de sentir algo matava mais que a fome.

Uma pena que os que tentaram fazer isso não conseguiram sobreviver ao processo, pode-se aparentemente apagar memórias da mente individual, mas não do inconsciente coletivo.

A loucura tomava conta em poucos anos, que para nós que não vivíamos o tempo há muito tempo, isso era quase uma eternidade.

O problema das migrações resolveram-se por conta própria, muitos preferiam viver uma vida confortavelmente controlada do que se arriscar perder o controle confrontando-se com o que um dia foi óbvio:

viver um instante após o outro sem saber o que acontecerá a seguir.

***

Havia uma memória que não queriam tocar.

Depois de tantas realizações, ápices e declínios do Zoológico, houve um ocorrido que fora arquivado.

Não por ser irrelevante, mas por ser relevante demais para existir nos registros.

Mesmo assim, o arquivo existe.

E eis aqui o próprio.

Esse é um relato de um zelador que não seguiu as regras e… não se sabe até hoje se deveria ter feito assim ou não.

Não era permitido a interação entre nós e o Zoológico.

Porém…

houve um de nós que se viu em um deles.

E um deles que se viu em nós.

Como não deveria e mesmo assim…

Aconteceu;

ou melhor:

acontecendo…

***

O Zoológico falava outra ligação, outra ligação, outra língua, uma língua, uma língua que só eles se entendiam.

Nós falamos outra língua, outra língua. Uma língua que só nós entendemos.

Não foi um impedimento para que um de nós começasse sem querer a falar com um deles.

Às vezes sutilmente, em outras… nem tanto.

Um macaco não precisa saber de onde vem bananas para ficar feliz com ela.

A bananeira?

Quem sabe.

Quem gosta de bananas afinal?

Pelo jeito, ambos gostavam; mas não era macaco e nem era banana.

Era qualquer outra coisa que se encontravam, em nada e… em tudo.

Um dia disse que era como se fosse uma música que se conhece tão bem que, basta os primeiros segundos dela para se saber que era ela…

E…

Era…

Ela!

Mesmo que agora termos como ele ou ela já não significam tanto. Pólos como um dia foram. Como um dia…. foram…

As pistas deixadas tinham que ser sutis, já que a loucura era a doença que mais matava.

Não a loucura diretamente, já que um pouco de loucura faz bem a qualquer um.

É um tipo de loucura que não faz bem, aquela que ….

cada um completa com seu medo qualquer.

Perder-se no caminho é necessário, até se encontrar de novo.

&&+

Entre haikais e longe de heinekens, talvez mais próximo de lokais e rascunhos, aquele que não deveria existir se encontrou com quem inevitavelmente existe.

Não que queriam, ninguém queria querer é nada.

Mesmo assim o querer existe para além do que queríamos.

Quem poderia culpar quem?

Um animal dentro de um zoológico?

Um zelador de um zoológico?

Para que teria que existir o zoológico, sequer um zelador de zoológico? Velhas questões, velas em respostas.

Nada disso precisava ser real e ainda sim, repito emoções que querem tanto ser reais, tanto, tanto que se tornam reais.

Um dia o zelador teve que observar, outro dia ele não pode mais apenas fazer isso.

Queria tanto viver como quem observava que se admirou com quem simplesmente vivia; sem nem mesmo se importar se aquilo era real.

Era real?

Ninguém mais se perguntava, já que aparentemente não importa mais o que é real.

Nesse tédio se fez civilizações e destruições inteiras, aqueles que não sentem mais almejam sentir a dor de ao menos não sentir mais nada.

Sentir nada ainda é um sentimento.

Nós…

Não somos mais.

Por isso o Zoológico é tão importante.

Algo tem que nos lembrar que um dia algo foi realmente vida e algo foi realmente morte.

Nem saudade sentimos mais de se viver.

Nem saudade sentimos mais de se morrer.

Viver é bom, morrer também.

Não é nem triste não viver, não é nem triste morrer.

É triste viver, é triste não morrer.

Se há competição, há. De quem acha que não sofre mais.

Os vivos acham que sofrem por viver, os mortos acham que sofrem por morrer.

Os que não vivem querem viver, os que não morrem querem morrer.

O narrador não quer mais marras.

O narrador não quer mais narrar.

Ele quer, mas posterga sua narração; e para que?

Postergar o começo?

Postergar o meio?

Postergar o fim?

Quem criou o Zoológico não deve ter pensado muito, apenas o fez…. não?

***

Nasce, sua primeira visão é uma sombra borrada de uma pessoa, rapidamente é sobreposta por outras várias sombras borradas de várias outras pessoas. Uma memória vaga, como se fosse um sonho.

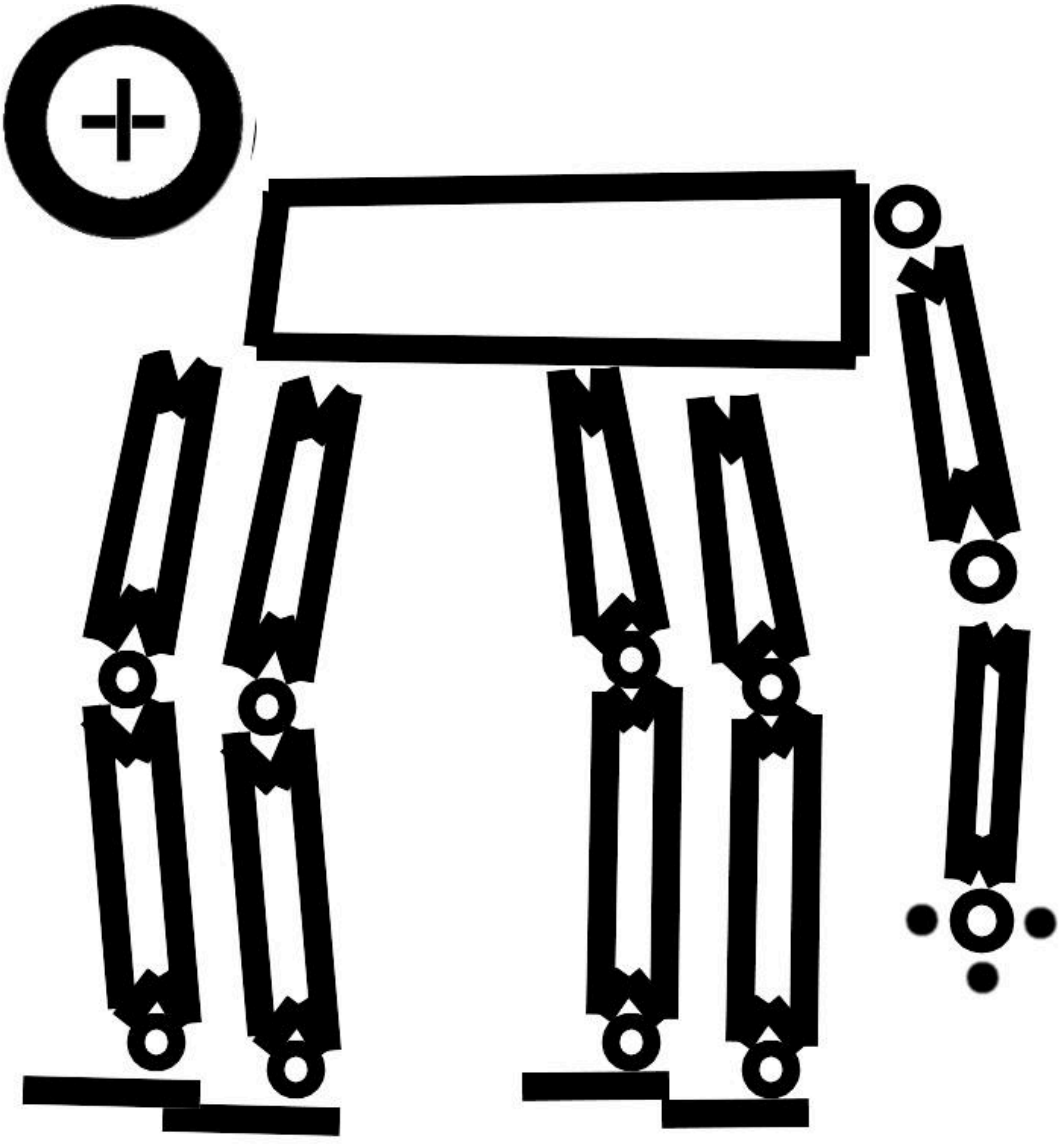
Está em uma festinha de crianças. Vê um adoslecente isolado na festa que estava de capuz mesmo estando calor, acha estranho e pensa em ir perguntar a ele o porquê. Mas no caminho passam com os pasteizinhos de vento que acabaram de sair. Se empanturrou de pastéis e refrigerante e foi para casa com dor de barriga.

Está de coração partido andando pela rua depois de brigar com a namorada. Em meio a bebedeira vê um adulto esperando no sinal. Para no mesmo sinal. Olha para o alto. Estão lado a lado no asfalto. Mesmo de mau humor, por alguns instantes, sem motivo aparente, se sentiu melhor e pensou em puxar assunto. O sinal abre. Os dois caminham em direções diferentes, desencontram-se. Bebe mais e acaba dormindo na rua mesmo, acorda no outro dia sem lembrar de nada.

Está em um casamento, todos bem vestidos e arrumados; o mais felizes que poderiam estar. Vê um idoso sentado, não mal vestido, mas também não a caráter para ocasião. Isso o chama atenção. Depois de umas e outras, músicas nostálgicas e danças sem gravatas o avista novamente. Pensa em ir conversar com o velho, mas o sobrinho aparece com um balão da festa e ambos brincam de embaixadinha. Querendo impressionar o pequeno, se empolga e torce o pé. Senta na cadeira mais próxima enquanto o sobrinho vai pegar o gelo. Sua esposa aparece, eles riem um pouco da situação e depois resolvem ir para seus aposentos.

Está sozinho em sua casa, vendo fotos antigas e revisitando lembranças. Entre os álbuns e sensações sente uma presença na sala. Inicialmente a ignora, mas ao se levantar para beber água não consegue não ir dar uma olhada. Devagar, pela idade, pensa se vai chegar a tempo de pegar o possível ladrão em sua casa. Chega lá e não vê ninguém. Mesmo assim continua sentindo a presença. Acostumado com tantas coisas que já viveu, tem uma estranha familiaridade e pensa em algo não muito específico por alguns instantes, até repentinamente lembra-se que ia pegar a água, aproveita que está na sala e pega os remédios também.

Está em um funeral. O próprio. Vendo de longe seu corpo e as poucas pessoas reunidas ao redor. Senta-se em um pedaço de tronco de árvore caído no chão. Alguém senta-se ao seu lado. Ao virar-se para ver quem é, simultaneamente se assusta e se empolga ao imediatamente dizer:

-VOCÊ!!!???

-Oi…